



COLÉGIO PEDRO II
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO - EREREBÁ**
TURMA 2023

Niuani Mendes Pereira

**LITERATURA NEGRO AFETIVA NAS SÉRIES
INICIAIS: PERCURSOS E POSSIBILIDADES PARA A
DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DE PEQUENOS
LEITORES**

Rio de Janeiro
2025

Niuani Mendes Pereira

**LITERATURA NEGRO AFETIVA NAS SÉRIES INICIAIS: PERCURSOS E
POSSIBILIDADES PARA A DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DE
PEQUENOS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais no ensino básico (EREREBA) vinculado à Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das relações étnico-raciais.

Orientadora: Professora Dra. Silvia Barros.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

P436 Pereira, Niuani Mendes

Literatura negro afetiva nas séries iniciais : percursos e possibilidades para a descolonização do imaginário de pequenos leitores / Niuani Mendes Pereira. - Rio de Janeiro, 2025.

22 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Sílvia Barros da Silva Freire.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Literatura brasileira - Escritores negros. 3. Letramento racial. 4. Educação antirracista. 5. Educação decolonial. 6. Anos iniciais do Ensino Fundamental - Estudo e ensino. 7. Crianças negras. I. Freire, Sílvia Barros da Silva. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Niuani Mendes Pereira

**LITERATURA NEGRO AFETIVA NAS SÉRIES INICIAIS: PERCURSOS E
POSSIBILIDADES PARA A DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DE
PEQUENOS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais no ensino básico (EREREBÁ), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das relações étnico-raciais

Aprovado em: 26/04/2025.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Sílvia Barros da Silva Freire (Orientadora)
PROPGPEC

Professora Me. Caroline da Matta Cunha Perez (membro interno)
PROPGPEC

Professora Me. Milena França da Silva Peclat (membro externo)
Cap/UFRJ

Rio de Janeiro
2025

LITERATURA NEGRO AFETIVA NAS SÉRIES INICIAIS: PERCURSOS E POSSIBILIDADES PARA A DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DE PEQUENOS LEITORES

Niuani Mendes Pereira

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão sobre o papel da literatura negro afetiva nas séries iniciais, com foco nas possibilidades de promover o letramento racial e a decolonização do imaginário infantil. A partir da minha trajetória pessoal como mulher negra, professora e pesquisadora, mobilizo o conceito de *escrevivência* (Evaristo, 2018) para evidenciar como experiências individuais e coletivas podem ser ressignificadas por meio da literatura. Fundamentado em autoras e autores como Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Sônia Rosa e Cida Bento, o estudo dialoga com perspectivas críticas sobre o racismo estrutural, o mito da democracia racial e a branquitude como estruturas que moldam o campo educacional e literário brasileiro. O percurso leva a pesquisa para uma análise de quatro obras da autora Sônia Rosa, selecionadas por seu caráter representativo e afetivo: *O menino Nito*, *Cadê Clarisse?*, *Os tesouros de Monifa* e *Chama o Sol, Matias!*. As obras contribuem para a construção de uma educação antirracista, sensível às subjetividades negras e capaz de transformar a escola em um espaço de valorização da diversidade. Ao articular literatura, afeto e identidade, o trabalho reafirma a importância de narrativas que humanizem as infâncias negras e possibilitem o enfrentamento do racismo desde os primeiros anos escolares.

Palavras-chave: literatura negro afetiva, letramento racial, educação antirracista, infância negra.

AFFECTIVE BLACK LITERATURE IN EARLY GRADES: PATHWAYS AND POSSIBILITIES FOR THE DECOLONIZATION OF YOUNG READERS' IMAGINARIES

Abstract: This article offers a reflection on the role of affective Black literature in shaping young readers, focusing on the potential to promote racial literacy and decolonize the imagination of children. Drawing from my personal trajectory as a Black woman, teacher, and researcher, I employ the concept of *escrevivência* (Evaristo, 2018) to highlight how individual and collective experiences can be re-signified through literature. Grounded in the works of authors such as Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Sônia Rosa, and Cida Bento, the study engages with critical perspectives on structural racism, the myth of racial democracy, and whiteness as systems that shape the Brazilian educational and literary landscape. The research adopts a cartographic approach and centers on the analysis of four books by author Sônia Rosa, chosen for their representative and affective nature: *O menino Nito*, *Cadê Clarisse?*, *Os tesouros de Monifa*, and *Chama o Sol, Matias!*. These works contribute to building an anti-racist education that is sensitive to Black subjectivities and capable of transforming schools into spaces that value diversity. By articulating literature, affect, and identity, this work reaffirms the importance of narratives that humanize Black childhoods and support the fight against racism from the earliest stages of education.

Keywords: affective Black literature, racial literacy, anti-racist education, Black childhood.

1 INTRODUÇÃO

Decido começar a escrita, refletindo sobre o começo do percurso na literatura negro afetiva (2021) e as possibilidades para a decolonização do imaginário dos pequenos leitores. Para isso, trago a simbologia do ideograma africano Sankofa, que representa o ato de olhar para o passado para ressignificar o presente e construir o futuro. Simbolicamente, Sankofa é um pássaro com a cabeça voltada para trás, ou por duas voltas justapostas que se espelham, formando algo semelhante a um coração. Para pensar a minha escrita, preciso tecer reflexões que perpassam experiências, lugares e memórias que constituem a minha singularidade.

Ao olhar para o passado, vejo uma menina de seis anos que não foi sonhada por um sistema marcado pelas desigualdades sociais, especialmente as educacionais. Essas desigualdades, mais amplas, têm raízes profundas nos "equivocos" que decorrem das exclusões sociais, econômicas e culturais, e que, no imaginário coletivo, sustentam noções de "embranquecimento" e o "mito da democracia racial". Essas ideias ainda se perpetuam, mantendo desvantagens e silenciamentos, principalmente na população negra. Esses silenciamentos, compostos pelo racismo, pelo preconceito e pela discriminação racial, se manifestam de forma contundente nos espaços educativos, gerando consequências duradouras que atravessam outros aspectos da vida social. Para mim, esses processos marcaram profundamente minha própria experiência como criança negra, me levando a questionar constantemente o silêncio presente no ambiente escolar diante da dor que eu sentia ao tentar me expressar e me reconhecer como negra. Recebia muitas ofensas, e minha estratégia era tentar esquecê-las, silenciando-me para não demonstrar nenhuma reação que pudesse ser usada contra mim. Esse comportamento não era apenas uma tentativa de sobreviver, mas uma adaptação a um sistema que, ao invés de me acolher e me promover, me excluía, deixando-me sem espaço para manifestar minha identidade e meus sentimentos.

1.2 Tornar-se Negra: Escrivência como Potência Epistêmica

Hoje, graduada em Pedagogia, professora na rede pública de ensino e intelectual negra, ao escrever na primeira pessoa, percebo que esse mecanismo de defesa, que rotulei como convivência passiva permeada por silêncios, reflete uma dimensão formada por experiências sociais e subjetivas de ser negra em uma sociedade branca – branca em sua ideologia, estética

e comportamentos dominantes. Como bem afirma a intelectual e ativista negra Neusa Santos Souza em seu livro *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), esse processo de exclusão e silenciamento é intrínseco à vivência de uma identidade negra em um contexto que busca apagá-la. O massacre vivido na infância reverbera, de forma dolorosa, o quanto é difícil ter a identidade negra constantemente submetida a múltiplos apagamentos.

Para compreender melhor o sentido da minha experiência como algo a contribuir de forma plena para os meus estudos, me debrucei na literatura da intelectual negra e literata Conceição Evaristo, linguísta, escritora afro-brasileira, uma das mais influentes do movimento pós modernista que tem a sua obra marcada pelo protagonismo feminino, pela denúncia da discriminação racial, a partir da sua *escrevivência*, termo este criado por ela em 1995, quando escrevia a sua dissertação de mestrado, a partir de um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. Para Conceição Evaristo (2018), o termo *escrevivência* refere-se à escrita que dá voz à vivência de mulheres negras na sociedade brasileira. A minha *escrevivência* é marcada pela condição de uma infância silenciada, que me impulsionou a refletir profundamente sobre as questões de racismo, preconceito e discriminação racial vividas ao longo de toda a minha infância e que ainda reverberam na minha trajetória como pesquisadora. Contudo, hoje essas marcas não se manifestam de forma tão visível, mas sim de maneira estrutural, configurando-se, inclusive, como um silêncio epistêmico (Carneiro, 2005), ou seja, uma invisibilidade que se manifesta nas práticas de produção do conhecimento, nas quais as experiências e perspectivas de sujeitos negros são sistematicamente excluídas, marginalizadas ou silenciadas, impedindo o pleno reconhecimento e valorização de suas contribuições intelectuais.

Em minha formação, o saber valorizado era um saber na perspectiva eurobrancocêntrica¹, a partir não só de um pensamento europeu, mas do conhecimento centrado na perspectiva da branquitude. A intelectual negra Cida Bento, em seu livro *O pacto da Branquitude*, apresenta como essa perspectiva silencia-se sobre o passado racista e colonialista e garante um sistema preparado para manter a estrutura racial de conforto e privilégio econômico dos brancos inalterada.

¹ SILVA, José Bonifácio Alves da. Os limites de um currículo eurobrancocêntrico e as expectativas de uma formação crítica e antirracista em um curso de licenciatura em História. Sér.-Estud., Campo Grande, v. 25, n. 54, p. 293-314, maio 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo>. Acesso em 19 nov. 2024. Epub 22-Set

Para obter o título de pedagoga, propus-me a escrever sobre a representatividade negra nos livros infanto-juvenis que antecederam a Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade da inclusão, nos currículos oficiais, do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira. Essa lei é fruto da constante luta do movimento negro, desde seu ressurgimento, a partir dos anos 1970, em prol da valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira e do reconhecimento, por parte do Estado, da diversidade étnico-racial existente no Brasil. Quando volto aos escritos da monografia e faço a leitura das considerações finais, vejo que, entre percursos e percalços, andei um pouquinho mais.

Vejo, no presente, conquistas que nos permitem perceber o impacto transformador que ocorre quando vidas negras são tocadas por representações humanizadas, em que protagonistas negros e negras se apresentam com altivez. Essas representações abrem os olhos para uma literatura afro-brasileira que gera orgulho, empatia e sabedoria. A luta continua, buscando uma literatura que se desvie dos caminhos da literatura infantil canônica, para se aproximar de todos os grupos que estejam dispostos a se envolver com uma literatura que potencializa e representa, de maneira humanizadora, a pluralidade de experiências e identidades. Um exemplo disso são as obras literárias da escritora, professora e intelectual negra Sônia Rosa, que se propõe a ratificar a representação positiva do povo negro na diáspora, enfrentando os obstáculos de diversas ordens que marcaram o direito à existência, refletidos tanto nas narrativas quanto nas imagens presentes em seus textos.

1.3 Sônia Rosa e a Literatura Negro Afetiva como Ferramenta de Transformação

Constato a reflexão sobre o quanto é relevante e significativo compreender o papel da literatura negro afetiva (2021) a partir dos livros literários da autora Sônia Rosa, pois vivemos numa sociedade na qual prevalece um entendimento negativo e preconceituoso que foi construído historicamente a respeito da população negra e, em contrapartida, a identificação positiva do branco sendo cada vez mais estruturada. Durante todo esse processo, a imagem do negro foi sendo estereotipada, desvalorizada e a imagem do branco valorizada e todos esses valores sendo interiorizados por todos os indivíduos no decorrer da sua formação. Quanto mais a ausência de problematização e práticas de uma educação antirracista, mais as crianças estarão propícias a se tornarem indivíduos preconceituosos, racistas e discriminadores. A escola tem um papel primordial na inserção e na socialização de crianças negras no enfrentamento de discriminação racial e situações de conflito raciais (Gomes, 2003).

Ao olhar para o passado, percebo que a representação da população negra nas narrativas literárias era escassa e, muitas vezes, ligada a estereótipos e marginalização. No entanto, já era possível encontrar livros afro-brasileiros que buscavam valorizar a identidade negra e promover a igualdade racial. Hoje, acredito que a literatura afetiva de Sônia Rosa tem um papel fundamental na formação de pequenos leitores, especialmente os negros. Seus livros oferecem representações humanizadas e positivas, permitindo que as crianças se reconheçam e se orgulhem da sua cor e cultura. Para mim, suas obras não só sensibilizam sobre questões de identidade, mas também ajudam a construir uma sociedade mais inclusiva e consciente desde cedo.

Nesse viés, apresento algumas indagações para a necessidade de pensar como essas crianças, que hoje consomem a literatura afro-brasileira, se constroem como leitores a partir da abordagem de uma literatura negro afetiva que promove um letramento racial. Assim, busco encadear as relações étnico-raciais, a literatura negro afetiva, o acervo literário da escritora e intelectual negra Sônia Rosa para que a pesquisa possa projetar possibilidades de decolonização do imaginário dos pequenos leitores, implementar a proposta de letramento racial junto à turma dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de um município do interior do Estado do Rio de Janeiro e analisar os efeitos da implementação da proposta de letramento racial na turma.

Para ressignificar o presente e lapidar a pesquisa, levo em consideração o contexto político histórico atual na sociedade brasileira, no qual o conservadorismo vem encontrando espaços para retroceder os avanços que foram feitos nos últimos anos. Logo, as práticas literárias em sala de aula se apresentam como ato de resistência frente a princípios conservadores que insistem em manter ideias que reforçam o racismo estrutural (Almeida, 2020). Por conta disso, me debruço nas escrituras da intelectual negra Sônia Rosa e reafirmo a importância de ser uma mulher negra e produzir livros com temática afro-brasileira e protagonismo negro para as crianças. Como observa a própria autora: “adotar, ‘identitariamente’ o meu fazer literário como sendo uma literatura infantil afro-brasileira implica em assumir um ‘lugar no mundo dos livros’” (Jesus³, 2019, p. 25).

Os estudantes, nas séries iniciais do ensino fundamental, em sua maioria, começam a constituir-se também como leitores, e têm o direito de conhecerem outras narrativas que valorizem a diversidade étnico-racial e resgatem suas subjetividades através da literatura. É importante ressaltar que não existe apenas uma história única e sim diversas epistemologias que possibilitam enxergar, compreender e pensar a nossa existência no mundo. Por isso, os estudantes não podem ter sua complexidade reduzida a um único aspecto de forma

estereotipada, como alerta a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em *O Perigo da História Única* (2019). Reduzir um indivíduo a uma única narrativa impede que sua história e trajetória sejam devidamente valorizadas e problematizadas. A visão única e simplificada do outro não só limita a compreensão de sua realidade, mas também reforça preconceitos e estereótipos que ignoram a riqueza de suas experiências e identidades. É fundamental, portanto, que se abra espaço para uma multiplicidade de histórias que permitam um olhar mais profundo e verdadeiro sobre os sujeitos, suas trajetórias e as diferentes dimensões de sua vivência.

2. LETRAMENTO RACIAL: CONCEITO E POSSIBILIDADES

Diante de um importante ponto deste projeto, que é o conceito de letramento racial em diálogo com a literatura negro afetiva da escritora e intelectual negra Sônia Rosa (2019), levo em consideração os estudos da professora universitária e intelectual negra Aparecida de Jesus Ferreira (2014), que nos mostra o conceito de letramento racial crítico como uma compreensão de como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos. Nesse caminho, considero ainda a compreensão da professora e especialista Talita de Oliveira (2015) quanto ao letramento e à sua pluralidade de maneira que o define como “um conjunto de práticas plurais intimamente ligadas às estruturas culturais e de poder presentes na sociedade” (Oliveira, 2015, p.87)

Torna-se necessário refletir e entender sobre um dos conceitos indispensáveis para os caminhos de possibilidades para a prática literária em sala de aula: “o que é letramento racial?”. Mesmo com o posicionamento da teórica especialista Lia Vainer Shucman, que apresenta a construção do letramento racial e a individualidade antirracista como algo semelhante a uma alfabetização, faz-se necessário analisar o compromisso que a obra literária da intelectual negra Sônia Rosa assume como possibilidade de desenvolver uma formação “letrando racialmente” (Jesus², 2019, p. 32), a partir dos muitos livros voltados para o público infantil, reconhecendo a literatura com temática afro-brasileira como uma estratégia para abordar questões raciais através do tecido artístico-literário.

É meu interesse de pesquisa, então, abordar questionamentos como os seguintes: Como o acervo literário afro-brasileiro produzido a partir da literatura negro afetiva chega na sala de

² A autora Sonia Rosa utiliza o seu nome completo na sua dissertação de mestrado “A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica / Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de Jesus. —2019.

aula? Como o letramento racial crítico influencia na leitura dentro da sala de aula e como essa influência contribui para a desconstrução do imaginário social? O letramento racial, em um entendimento inicial, se constitui a partir dos estudos históricos e contemporâneos da população negra, em diálogo com conceitos correlatos. Como é apresentado e comentado pela professora universitária e intelectual negra Aparecida de Jesus Ferreira (2014, p. 250), essa ferramenta nos permite refletir sobre o poder transformador que ela possui. Ao ser aplicada, o letramento racial facilita a desconstrução da lógica nociva do racismo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

3. O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO E O APAGAMENTO DE OUTRAS VOZES

Nesse entremeio, destaca-se a discriminação racial como fator de seletividade na instituição escolar, tendo o silêncio e, ao mesmo tempo, a narrativa que se propõe a defender, como fatores dos rituais pedagógicos, por meio da qual ela se expressa. E por isso, o racismo estrutural (Almeida, 2020), ancorado em práticas sociais concretas, consiste em uma ideologia e essa ideia com o mito da democracia racial relaciona-se para afirmar “o silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar” (Gomes, 2012, p. 105). Nessa linha de pensamento, é possível compreender que as próprias práticas educativas, ao contrário do que se poderia pensar, podem aprofundar o racismo na sociedade.

Ao trazer questionamentos para a pesquisa, reflito sobre a importância de discutir as escolhas de obras literárias que rompem com as visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre a população negra, sua história, cultura, práticas e conhecimentos. Essas obras têm o poder de reverter estigmas e resgatar a dignidade de uma identidade historicamente marginalizada. Elas oferecem narrativas que desconstruem estereótipos, ao mesmo tempo em que ampliam a compreensão sobre a riqueza e diversidade das experiências negras, proporcionando uma visão mais justa e verdadeira do nosso passado e presente. Dessa forma, a literatura se torna uma ferramenta essencial no processo de valorização da cultura negra e na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Embora o Brasil não se reconheça como um país racista, o silenciamento expresso pelo desconhecimento de suas origens é fundamentado por Gomes (2021) quando afirma que o Brasil construiu historicamente um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma por meio de sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade.

Justifica-se, assim, a necessidade urgente de refletir sobre as ideologias racistas ainda presentes nas instituições educacionais, que continuam a perpetuar práticas colonizadoras ao

lado de tentativas de incorporação de práticas decoloniais e antirracistas. É imprescindível que haja uma ruptura significativa nesse processo, que considere os sujeitos concretos na práxis educativa, permitindo a superação de expectativas monoculturais e promovendo uma visão mais intercultural e plural. As crianças, especialmente na educação básica, precisam aprender mais do que estereótipos e representações folclóricas sobre as populações indígenas e negras. Elas devem ser apresentadas a histórias e conhecimentos que reflitam a complexidade e a riqueza dessas culturas, reconhecendo suas contribuições e o protagonismo histórico, para que, assim, a educação se torne um espaço de transformação e inclusão verdadeiros, desafiando as narrativas que perpetuam a marginalização dessas populações.

As narrativas construídas no Brasil têm como base teórica o mito da democracia racial. Gomes (2021) afirma que, diante da narrativa do mito, que é extremamente conservadora, transfigura-se para um discurso democrático quando a igualdade das raças é destacada. Porém, trata-se de uma falsa igualdade porque se baseia no apagamento e homogeneização das diferenças. O Brasil construiu historicamente, um racismo ambíguo, que se estrutura via sua própria negação e está cristalizado na formação da nossa sociedade. A autora Nilma Lino Gomes ressalta a importância do movimento negro ao longo dos tempos em desvelar o discurso do mito da democracia racial no Brasil. Prevaleceram durante muitas décadas narrativas canônicas que revelavam silenciamentos, apagamento da história da negritude no Brasil, como por exemplo, o ato de 1899, da inceneração de todos os documentos, inclusive registros pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Para Nascimento (2020) supunha-se apagar a “mancha negra” da história do Brasil.

As narrativas presentes nas obras da autora Sônia Rosa evidenciam a potência da literatura negro brasileira. Sueli Carneiro (2005) considera essa escrita como uma categoria de criação literária na qual autoras e autores negros entrelaçam a vida social com a cena literária brasileira, criando um espaço de reflexão sobre a experiência do sujeito negro. Essa perspectiva do fazer literário surge como uma resposta específica de um grupo às circunstâncias históricas marcadas por embates entre diferentes segmentos da sociedade, como o racismo e o preconceito racial. Ao inserir essas experiências no centro da produção literária, os escritores negros não apenas contestam a marginalização histórica, mas também reivindicam um lugar de voz e protagonismo nas narrativas que moldam a identidade e a cultura brasileiras.

O período de articulação do cânone literário junto a formulação de um modelo cultural dominante, em larga medida, ignorou, propositalmente, como afirma Edmilson de Almeida Pereira (2021), outras fontes culturais e outras formas literárias presentes na sociedade brasileira. Por isso, o cânone da literatura brasileira, legitimado a partir de uma escrita

produzida por pessoas privilegiadas, está profundamente enraizado na cultura, política e economia vigentes no país, que, historicamente, foram sustentadas pelo mito da democracia racial e pela idealização da mestiçagem no Brasil.

3.1 Escritoras e Escritores Negros como vozes que rompem o silêncio

Outro pilar desta proposta de pesquisa, a questão das relações étnico-raciais, se apresenta a partir do olhar de Lélia Gonzalez (2020), sendo uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX, com atuação decisiva na luta contra o racismo estrutural e na articulação das relações entre gênero e raça em nossa sociedade. Como filósofa, professora e militante do movimento negro, Lélia Gonzalez construiu rotas alternativas para pensar a realidade brasileira e a diáspora negra, além de apresentar as dificuldades de se tornar e ser uma mulher negra e um homem negro em um país que brada a democracia racial e ao mesmo tempo propaga o branqueamento.

É nítido, através de grandes intelectuais negras e negros, que se debruçam nos estudos sobre relações étnico raciais, que historicamente a literatura brasileira foi pensada e construída a partir do viés eurobrancocêntrico. A construção um ideário nacional em que negros e brancos convivem harmoniosamente, com igualdade de oportunidades e sem conflitos, revela uma dinâmica concreta da sociedade brasileira marcada por silenciamentos e apagamentos intencionais. Para a intelectual Nilma Lino Gomes (2021), esse ideário nacional, baseado no mito da democracia racial, se converte em um discurso aparentemente democrático, que promove a ideia de igualdade entre as raças. No entanto, tal discurso se sustenta no apagamento das desigualdades reais e na homogeneização das diferenças, ignorando as especificidades e as vivências diversas das populações negras, que continuam a enfrentar barreiras estruturais e sociais. Assim, a construção dessa narrativa de igualdade mascara as profundas desigualdades que ainda permeiam a sociedade brasileira.

Autores clássicos como Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto e Solano Trindade abordaram, em suas obras, questões fundamentais relacionadas à identidade, ancestralidade, racismo e resistência. Seus escritos são essenciais para a compreensão da literatura negro brasileira, que tem suas raízes nas vivências de resistência durante os períodos colonial e escravocrata. Durante a escravidão, a produção literária dos negros foi frequentemente silenciada ou reprimida, mas manifestava-se, ainda que de maneira velada, em canções, orações, contos populares e, posteriormente, nas produções de escravizados e ex-escravizados que buscavam registrar suas histórias.

Foi no século XX, contudo, que autores como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Solano Trindade, Abdias do Nascimento, e, mais tarde, Conceição Evaristo, Kiusam de Oliveira, Luiz Silva (Cutti) e Sônia Rosa, consolidaram a literatura negro brasileira como um movimento literário distinto. Esse movimento reflete a realidade dos negros no Brasil, suas dores, suas conquistas e as questões sociais que permeiam a experiência negra no país. Carolina Maria de Jesus, ao relatar sua vida nas favelas, oferece uma visão crua e impactante das dificuldades e da resistência da população negra marginalizada.

Sua obra é um testemunho vívido de uma realidade social marcada pela pobreza, pela violência e pelo racismo, e ao mesmo tempo, uma afirmação da dignidade de quem luta para sobreviver. Lima Barreto, por sua vez, com sua crítica à sociedade carioca e à discriminação racial, foi um dos primeiros a expor abertamente as desigualdades vividas pelos negros e a luta contra os preconceitos que permeavam a sociedade. Seu olhar crítico sobre as instituições e a classe média brasileira trouxe à tona questões raciais e sociais de forma profunda, colocando o negro como protagonista de suas próprias histórias. Solano Trindade, com sua poesia e ativismo, utilizou a palavra como ferramenta para celebrar a cultura negra e afirmar o orgulho da identidade afro-brasileira. Sua obra foi uma resistência cultural e política, resistindo à opressão e ao apagamento histórico da contribuição dos negros para a sociedade brasileira. Essas obras, juntamente com tantas outras da literatura negra, são fundamentais para a valorização da cultura negra e para a reflexão crítica sobre a história e as lutas do povo negro no Brasil.

4. SÔNIA ROSA E A CONSOLIDAÇÃO DA LITERATURA NEGRO AFETIVA

É partindo desse contexto que a narrativa de Sônia Rosa (2019) se insere de forma significativa no campo da literatura negro brasileira, rompendo com a lógica eurocêntrica que historicamente supervalorizou o cânone literário nacional e desconsiderou as produções orais desenvolvidas pelas comunidades negras, cujas raízes remontam à diáspora africana. Ao dialogar com a perspectiva ideológica de Cutti, Sônia Rosa destaca a literatura negro afetiva como um elemento central na literatura negra brasileira, demonstrando que essa produção é, acima de tudo, negra e brasileira, pois é criada dentro do contexto nacional e serve como uma poderosa ferramenta antirracista.

A literatura negro afetiva, conceito criado por Rosa, vai além da simples representação das experiências negras; ela busca expressar o vínculo emocional e afetivo que une as narrativas negras à vivência cotidiana. Trata-se de uma literatura que carrega as emoções, as lutas, as

alegrias e as dores de um povo, estabelecendo um espaço de pertencimento e resistência. A autora, ao seguir a linha de Cuti, reconhece que essa literatura não é apenas uma resposta ao racismo, mas uma afirmação cultural e identitária, que emerge da história e das experiências vividas pela população negra. Ao destacar a literatura negro afetiva, Sônia Rosa sublinha a importância dessa produção na construção de uma narrativa literária mais inclusiva, que valoriza e celebra a identidade negra como um elemento fundamental na formação da cultura brasileira. A literatura negro afetiva, portanto, não só questiona e subverte o cânone literário eurocêntrico, mas também reconstrói o sentido de pertencimento, oferecendo uma nova visão da história e da sociedade brasileira, marcada pela resistência e pelo protagonismo negro.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO E AFETO

*“Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.*

*Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.*

*Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.*

*Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.*

Nós somos o começo, o meio e o começo.

*Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.*

*Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.”*

Nêgo Bispo, 2015

Me debruçar sobre as obras e conhecer as autoras e autores e pesquisadoras negras e pesquisadores negros durante o curso Ererebá foi crucial para o levantamento de autores teóricos que sustentam essa pesquisa. Durante o processo, vimos um dos maiores intelectuais negros, Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, se tornar um ancestral. Não

foi o fim, pois a morte é cíclica, faz parte de um processo contínuo que envolve memória e conexão. Como ele mesmo nos ensinou, nossa história é composta por “Começo - meio - começo” e não um início - meio e fim. Somos retorno. Somos continuidade. Por isso, escrevo por esse caminho, para lembrar que o fim desse artigo é o começo de uma pesquisa construída por muitas pessoas que sonham junto comigo.

Para a construção da análise, desenvolvo a delimitação por escolhas das obras da autora Sônia Rosa, a partir dos livros contemplados pelo Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE), que prevê a aquisição de livros infantis e juvenis pelo governo federal para compor o acervo bibliográfico de todas as escolas do país. Os livros selecionados são: *O menino Nito* (2002), *Cadê Clarisse?* (2004), *Os tesouros de Monifa* (2018) e *Chama o Sol, Matias!* (2022).

O livro *O Menino Nito* foi publicado pela primeira vez em 1995, porém, a versão utilizada para esta análise corresponde à edição relançada pela Editora Pallas em 2002. *O Menino Nito* caracteriza-se entre as literaturas infantis negro afetiva que busca representar a população negra em papel de protagonista, a fim de ressaltar a identidade racial através de elementos que compõe o conhecimento científico, acesso à informação, pertencimento étnicorracial, no qual o ser negro favorece uma autoestima a partir da imagem favorável ao leitor negro, permitindo também ao leitor não negro, uma visão dos personagens negros visíveis que remetem para a valorização da estética negra que, no entanto, dificilmente é abordada e valorizada nas obras literárias afro-brasileiras.

Essa imagem do negro, apresentada na história *O Menino Nito*, perpassa a preocupação da Sônia Rosa em criar laços de identidade negra com o leitor negro, realçando características do cabelo crespo, a cor de pele mais pigmentada e se distancia de uma imagem estereotipada, criada em períodos subsidiados em ideários racistas e inferiorizantes com personagens relacionados a narrativas do passado histórico, composta por imagens de negros escravizados e humilhados, resultante de uma herança negativa que o sistema escravocata deixou à população negra no Brasil.

Dessa forma, os personagens negros da obra *O Menino Nito* nos possibilita inferir, a partir das ilustrações, o negro com *status* parecido ao de qualquer outro cidadão, com situações cotidianas, sendo permissível assim “ver fatores a ser considerados positivos dentro de uma sociedade que todo momento propaga preconceito e atitudes discriminatórias.

Na história, todos os personagens são negros: Nito, a mãe do Nito, o pai do Nito e o Dr. Aymoré, sendo o Nito o personagem principal. A história não demarca o espaço e o tempo em que a narrativa acontece, porém, sabemos que a obra foi publicada em 1995 pela primeira vez, período esse que ainda não tínhamos a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório

o ensino de história e cultura afro-brasileira. Ainda assim, é possível perceber que a história ocorre na contemporaneidade, devido as imagens dos personagens negros serem modernos, o espaço é a casa da família, oferecendo ao público leitor uma imagem positiva e significativa que fomenta a aceitação pelo cabelo crespo e coloca em ênfase a cor de pele mais pigmentada como aspecto positivo à construção da identidade negra.

No livro *Cadê Clarisse?* Publicado em 2004, em homenagem a sua filha Clarisse, a autora apresenta uma menina que está aprendendo a engatinhar e sua curiosidade para conhecer o mundo é imensa. Com a pergunta que se repete a cada página, *Cadê Clarisse?* Sônia Rosa prende a atenção dos leitores junto com as cores vivas das ilustrações feitas com massinha de modelar. O livro apresenta uma narrativa simples e envolvente, apresentando a Clarisse, que está aprendendo a engatinhar e explorar o mundo ao seu redor. A curiosidade de Clarisse a leva a se esconder sob a mesa, mexer nos sapatos da família e até mesmo brincar com o rádio, proporcionando momentos de descobertas e alegrias.

Clarisse é uma bebê negra, ativa, curiosa e esperta. Ela representa a fase da descoberta da linguagem, do corpo, dos espaços. Não fala, mas se comunica por meio de sua movimentação e expressividade, retratadas nas ilustrações. Sua presença valoriza o protagonismo negro desde a infância, o que é essencial para a representatividade na literatura infantil. Por ser um livro voltado para a primeira infância, que se desenvolve a partir de uma estrutura repetitiva e lúdica, a narrativa gira em torno da busca por Clarisse, uma bebê curiosa que desaparece de vista enquanto explora o ambiente da casa. A cada nova página, o leitor é envolvido na brincadeira de tentar encontrá-la, criando uma interação direta com o livro.

Com destaque para as suas ilustrações, a ilustradora Luna teve a sensibilidade de trazer a técnica massinha de modelar, também conhecida como massinha de modelar tridimensional. As imagens têm um aspecto tátil e colorido que encanta as crianças e estimula a percepção visual e a imaginação. As expressões faciais dos personagens, os objetos e os espaços da casa são moldados com cuidado, criando cenas familiares e acolhedoras.

O afeto e o cuidado são elementos constantes na narrativa, reforçando uma literatura negro afetiva. A busca por Clarisse, feita com carinho e atenção, sugere a presença de uma família amorosa e atenta, reforçando o papel da proteção e do vínculo familiar no desenvolvimento emocional das crianças. Essa representação positiva e acolhedora contribui para a construção de um ambiente seguro e familiar, essencial na literatura voltada à infância. A obra também tem um papel importante na representação racial, ao colocar uma criança negra como protagonista da história.

Clarisse está no centro da narrativa, não como exceção ou figura secundária, mas como

personagem ativa e cheia de vida. Isso contribui de maneira significativa para a formação positiva da identidade de crianças negras. Por fim, o livro incorpora a brincadeira e a descoberta como essência da infância. Ao simular uma espécie de “esconde-esconde”, uma brincadeira universal, a história desperta a imaginação e o prazer da descoberta, elementos fundamentais para o envolvimento infantil com a leitura.

Ao trazer o livro *Os tesouros de Monifa* publicado em 2018, faço questão de destacar que o livro sucede a lei 11645/08 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos de ensino fundamental e médio.

A história gira em torno de uma menina negra que, no dia do seu aniversário, recebe um presente muito especial: uma caixa com cartas, escritos e poemas deixados por sua tataravó Monifa, que era uma mulher africana que chegou ao Brasil escravizada, mas que, com coragem e determinação, aprendeu a ler e escrever, um gesto de resistência em uma época em que isso era proibido para pessoas negras escravizadas. A caixa é chamada de “tesouro” porque guarda mais do que objetos: preserva memórias, histórias de luta, sabedoria e amor. À medida que a menina lê cada carta, ela se conecta com as raízes de sua família, com a cultura ancestral africana e com a força das mulheres que vieram antes dela. Essa descoberta transforma seu modo de ver a si mesma e o mundo, reforçando sua autoestima e a consciência de pertencimento.

O livro mostra como a memória das gerações anteriores é um bem precioso. Monifa, mesmo em condições adversas, registra sua história com palavras, mostrando que a escrita é uma forma de resistência e sobrevivência. Isso fortalece a noção de que somos parte de algo maior, de uma história coletiva e de um legado ancestral. Ao descobrir suas origens, a protagonista passa a entender a grandeza de sua herança africana. Isso fortalece sua identidade como menina negra e permite que ela se veja com orgulho, quebrando estigmas sociais. O livro atua como instrumento de empoderamento para crianças negras que, muitas vezes, não se veem representadas positivamente nos espaços escolares e culturais.

As personagens femininas: a avó, a mãe, a tataravó são portadoras da sabedoria e da força. São elas que preservam, transmitem e constroem a história familiar. Monifa, em especial, representa a figura da mulher negra como resistente, intelectual e agente de mudança, em contraste com os estereótipos que muitas vezes a literatura impõe. O gesto de Monifa ao aprender a ler e escrever é revolucionário: é o direito à palavra, à memória e à dignidade.

As ilustrações de Rosinha são ricas em cores, texturas e elementos gráficos inspirados na estética africana e afro-brasileira, com destaque para tecidos, padrões e simbologias. As

imagens não apenas acompanham o texto, mas também ajudam a contar a história de maneira sensorial, visualizando as emoções, as raízes e a beleza da cultura negra.

No livro *Chama o Sol, Matias*, publicado em 2022, a história é uma obra poética e delicada que convida o leitor a refletir sobre esperança e identidade. A história acompanha Matias, um menino negro que, diante de um dia nublado e de sentimentos difíceis, decide chamar o sol. Esse gesto, simples e simbólico, revela um profundo desejo de mudança, de calor, de alegria, algo que muitas crianças também sentem, especialmente quando enfrentam desafios que não compreendem por completo.

Com uma linguagem afetiva e sensível, Sonia Rosa constrói uma narrativa breve, mas cheia de significado. A autora, reconhecida por sua atuação em prol da valorização da cultura afro-brasileira na literatura infantil, mais uma vez oferece uma obra comprometida com a representatividade e o empoderamento das infâncias negras.

As ilustrações de Camilo Martins complementam o texto com cores vibrantes e traços expressivos, trazendo vida aos sentimentos de Matias e representando com beleza a sua realidade. Cada página é uma combinação harmoniosa entre palavras e imagens, ampliando o impacto emocional da leitura. *Chama o Sol, Matias!* é um convite à esperança mesmo nos momentos de tristeza.

O trabalho tem o intuito de evidenciar a potência da literatura negro afetiva e suas possibilidades na descolonização do imaginário e suas contribuições no processo de letramento racial. Para esse viés, a pesquisa que proponho será realizada a partir de uma abordagem cartográfica que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Segundo Virgínia Kastrup (2005) a pesquisa cartográfica é uma forma de investigação que consiste no acompanhamento do processo e não representação de objetos, levando em consideração que não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim.

Durante esse caminho, os encontros presenciais e virtuais com a orientadora Silvia Barros, com os colegas da turma, principalmente Rafael, Aline e Patrícia, têm sido essenciais para o processo de caminhada para a construção da análise.

Nesse processo bibliográfico, a revisão tem sido com fontes secundárias que contribuem para a compreensão das teorias e estudos dos autores teóricos: Nilma Lino Gomes, Azoilda Loretto da Trindade, Sônia Rosa, Aparecida de Jesus Ferreira, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Talita de Oliveira, Eliane Debus, Abdias Nascimento e Edmilson de Almeida Pereira.

A compreensão das obras literárias negras afetivas é parte de uma perspectiva que visa humanizar a população negra, permitindo que crianças negras e brancas conheçam sua história

por meio da literatura. Esse processo busca evidenciar a força da cultura negra, promovendo a valorização da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar. Desse modo, concordo com Gomes (1995), que vê a escola como principal agente de luta contra os efeitos nocivos do preconceito racial.

Portanto, para a discussão acerca das possibilidades da literatura negro afetiva que efetivamente carrega em si as potencialidades de transformar identidades e ressignificá-las, o processo metodológico passa por uma abordagem de obras selecionadas, com mediação e contato entre crianças, professora, leitura/escrita e o ambiente escolar com outras atividades que visem ressignificar o olhar da criança negra em relação a si mesma. Nesse sentido, é que reforço o uso do conceito de literatura negro afetiva e letramento racial, que na prática será leitura e escrita pelo viés de uma literatura específica para uma abordagem crítica do racismo no ambiente escolar na formação desses leitores e decolonização do imaginário no processo de alfabetização e letramento.

6. DO SILÊNCIO À PALAVRA: UM FINAL QUE É CONTINUIDADE

Refletir sobre a literatura negro afetiva como ferramenta de letramento racial nas séries iniciais do ensino fundamental é reafirmar a urgência de uma educação comprometida com uma educação antirracista, que combata o silenciamento histórico das infâncias negras, com o reconhecimento das múltiplas identidades e com a valorização das experiências da população negra. Ao longo desta escrita, pude perceber o poder transformador que reside nas narrativas construídas a partir de vivências negras, especialmente quando essas histórias se cruzam com as nossas histórias.

A escolha pelo acervo de Sônia Rosa não se deu por acaso: sua escrita representa um lugar de afeto, ancestralidade, resistência e pertença. Seus livros abrem caminhos para o reconhecimento da identidade negra de forma positiva, e possibilitam, tanto para crianças negras quanto brancas, o contato com histórias que rompem com estigmas e constroem possibilidades de novos olhares e significados. Essa proposta de letramento racial, ancorada nas experiências afetivas e pedagógicas, se mostra como uma estratégia potente para descolonizar o imaginário infantil e contribuir com práticas pedagógicas antirracistas, como previsto pela Lei 10.639/03. Ao trazer à tona vozes silenciadas, a literatura negro afetiva amplia os horizontes

do campo educativo e reposiciona os sujeitos negros como protagonistas de suas histórias, saberes e existências.

A cartografia como método de pesquisa não busca oferecer respostas prontas, mas acompanhar movimentos, afetos e deslocamentos provocados pela presença de uma literatura que, mais do que representar, toca, transforma e ensina. O compromisso com a construção de um espaço educativo que respeite a diversidade e combata o racismo precisa ser contínuo e coletivo. É na escuta, no acolhimento e no reconhecimento da pluralidade das infâncias que podemos, de fato, promover uma educação emancipadora e humanizadora.

Como nos ensina a sabedoria ancestral de Sankofa, é preciso olhar para o passado — com coragem e consciência — para ressignificar o presente e construir um futuro no qual todas as crianças, em especial as crianças negras, possam se ver, se reconhecer e se orgulhar de quem são.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de **Racismo Estrutural**. São Paulo. Editora Jandaira, 2020
- APARECIDA *et. al.* (Org). **Literatura saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022
- BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília/DF: INCTI/UNB, 2015.
- BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro- brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010;
- DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. - São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade? *In: AZEVEDO, Fernando et. al* (Orgs.) **Imaginário, identidades e margens-estudos em torno da Literatura Infanto-juvenil**. Vila Nova de Gaia: Gailivros, 2007. p. 262-269.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In* **Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo/** organização – Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas**. Revista da ABPN, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
- GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. **Descolonizar os currículos: um desafio para as pesquisas que articulem a diversidade étnico-racial e a formação de professores**, *In* Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br> Acesso em: 14 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: vozes, 7ª reimpressão, 2021;

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In* **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização: Flavia Rios, Marcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica** / Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de Jesus. —2019. 122f.: il. (algumas color.), grafs. ; enc.

KASTRUP, Virgínia. **Cartografia e educação: processos de invenção e experimentação.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 4 ed. 2ª Reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020;

ROSA, Sonia. **Literatura negro afetiva para crianças e jovens.** Geledés – Instituto da Mulher Negra, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 14 abr. 2025.

ROSA, Sonia. **O menino Nito.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ROSA, Sonia. **Cadê Clarisse?** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

ROSA, Sonia. **Chama o Sol, Matias!** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

OLIVEIRA, Talita de. **Letramento(s), relações étnico-raciais e a iniciação científica para o ensino médio: a relação entre a produção de conhecimento e a transformação do espaço escolar.** Revista ABPN, v. 7, n. 17, p. 82-101, jul./out. 2015.

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019;

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileria.** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/> Acesso em: 14 abr. 2025.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana** / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. — São Paulo, 2012.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1990;

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: possibilidades de uma pedagogia da diferença. *In*: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC/UNESCO, 2003. p. 25–38.